

## AS NARRATIVAS FEMININAS CENTRO EMERGENTES DE TIALVALVA SILVA E AS DISTOPIAS REPRESENTADAS NA CIDADE DE CACHOEIRA BAHIA

Giuliana Conceição Almeida e Silva<sup>1</sup>

*Resumo:* Este estudo intenta refletir sobre as vozes femininas nas obras da escritora baiana Tialvalva Silva. A autora que emerge das margens e narra com o próprio olhar e com os das mulheres que compuseram a sua trajetória de vida. Relatos, esses, que vão sendo revelados de modo a apresentar as memórias do passado, que no exercício da leitura literária de Silva e na cotidianidade da cultura cachoeirana, fazem-se presentes. A cidade de Cachoeira, Bahia é o espaço contido nas obras *Entre o rio e a praça* (2018) e *Migrantes* (2019) que se configuram na territorialidade dos sujeitos à medida que a exposição vai sendo apresentada. Diante do exposto, o problema apresenta nesta pesquisa é de que maneira a ancestralidade feminina de Tialvalva Silva narra os corpos distópicos do Recôncavo Baiano? O objetivo apresentado é abordar na literatura de Tialvalva Silva como os corpos femininos que emergem: putas, velhas, donas de casa, jovens, trabalhadoras, lésbicas e candomblecista considerados como seres distópicos cachoeiranos, em que está enredada por histórias, experiências e modos de vidas dos personagens. Diante do exposto, as narrativas da autora são possíveis de ser compreendidas no eixo da pesquisa qualitativa e bibliográfica com leituras que retratam a autoficcionalidade aos estudos do femininos de gênero e que são focos a serem produzidos no processo de análise,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Crítica Cultural pela UNEB, Campus II, Mestra em Letras pela UNEB, Campus V, Especialista em Metodologia da Educação Profissional pela UNEB, Campus XV, Especialista em Metodologia da Língua Portuguesa e da Língua Estrangeira pela UNINTER, Licenciada em Letras pela UNEB, Campus V. Professora da Educação Básica. Orientador: Paulo César Souza García. Endereço eletrônico: [giuli\\_almeida@yahoo.com.br](mailto:giuli_almeida@yahoo.com.br).

por meio do recorte crítico em Bhabha (2013), Bosi (2001); Cândido (2000); Chauí (1984-2012); Chimamanda (2015) (2015); Cunha (2001); Dalcastagnè (2008); Fiuza, Grecco (2020); Hooks (2018); Hool (2005); Jobim (1992); Lerner (2013); Richard (2002), Rosini (2014), Silva (2018-2019); Silva (2002). O impacto que a Crítica Cultural agencia, faz-se no discurso do feminismo em Tialva Silva atravessado de questionamentos e rupturas nas narrativas que se veem também nos gestos e subjetividades dos corpos narrados que se tornam presentes e viáveis à interpretação.

*Palavras-chave:* Tialva Silva. Feminismo. Distopia.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo, que ainda se encontra em curso, pretende analisar as narrativas de autoria feminina escrita por Tialva Silva, escritora da cidade de Cachoeira, localizada no Recôncavo baiano. Mulher, mãe solo, com pouca escolaridade, que conheceu o trabalho infantil e a subjugação muito cedo, mas que por meio da escrita em folhas avulsas de papel encontrava abrigo e consolo. Suas obras, que foram criadas no recôndito, saíram da periferia cachoeirana e passaram a ocupar feiras literárias, blogs, redes sociais e pesquisas acadêmicas, assumindo um caráter centro emergente, esse termo criado por mim busca relocar uma obra considerada marginal, entendendo que a literatura originada da periferia pode ocupar diversos espaços de poder.

Outro ponto que será tratado neste artigo é a transposição do conceito de distopia, em que por meio da ficção, apresenta uma narrativa de opressão imaginária causada pelo estado para controlar as condições de vida das pessoas. A transposição do termo distopia, consiste, aqui, em analisar por meio da ficção uma sociedade real narrada e memorizada pela autora supracitada, em

que a cidade de Cachoeira é o lócus de uma sociedade patriarcal coronelista que subjuga corpos marginalizados.

Este estudo tem como objetivo abordar e analisar na literatura de Tiana Silva como os corpos femininos que emergem: putas, velhas, donas de casa, jovens, trabalhadoras, lésbicas e candomblecista, considerados como seres distópicos cachoeiranos, e a maneira que estão enredadas por histórias, experiências e modos de vidas desses personagens. A metodologia apresentada é no eixo da pesquisa qualitativa e da pesquisa bibliográfica com leituras que retratam a autoficcionalidade aos estudos do feminismo, de gênero e que são focos a serem produzidos no processo de análise.

Diante do exposto, pretende-se discorrer sobre as questões colocadas até aqui, analisando a trajetória estrutural da narrativa nas obras de Silva, de modo a entender a narrativa de autoria feminina centro emergente e a transposição do conceito de distopia sobre os corpos cachoeiranos.

## **A ESCRITA FEMININA**

Por muitos séculos os corpos, narrativas e memórias das mulheres eram narrados sob o olhar masculino, impondo o seu ponto de vista, estereotipando as figuras femininas de acordo aos moldes da época e de uma sociedade patriarcal que impunha como a mulher deveria se portar ou ser perante a sociedade. Nessa senda, os escritores narravam e compunham suas personagens sem levar em conta a mulher real, com anseios e “mulheres-sujeito, capazes de decidir o rumo que desejam imprimir à própria vida” (ZOLIN, 2009, p. 113).

A partir do século XIX, a escrita de autoria da escrita literária para as mulheres surge como forma luta feminina, em que a

escritora e a poeta tem o direito de narrar e versificar sobre os seus próprios corpos, exprimido por meio da ficção a sua visão de si e de outras, revirando ao sistema patriarcal e rompendo os estereótipos impostos às mulheres por meio da escrita literária de autoria masculina.

Tal ruptura abriu espaços para a literatura de autoria feminina contemporânea, em que escritoras como Tianalva Silva narram para além de corpos femininos, revelando-nos suas inquietações como sinônimo de resistência, conectando as suas narrativas: gêneros, sexualidade, questões sociais, como também etnia. Utilizado da escrita literária como uma ideologia revolucionária que só poderá ser criada se as experiências daquelas pessoas que estão à margem, que sofrem a opressão sexista e outras formas de opressão de grupo forem compreendidas, discutidas e assimiladas. (HOOKS, 2019, p.234).

Em sua produção literária Tianalva Silva por meio de contos e crônicas narra diversos corpos masculinos e femininos, me atentarei aqui aos corpos femininos Como o de Davala, Marli, Adelaide, Edezuíta, a mulher do cuscuz, Dona Zinha, Maria do socorro, Maria das Graças, Joana, Dona Graça e a própria autora, mulheres simples, periféricas com as vidas marcadas por labutas, opressões, diversas violências, mas resistentes, e por que não dizer em alguns momentos até alegres.

Essas mulheres ficaram esquecidas nas folhas do caderninho de Tianalva, suas vozes tornaram-se públicas devido a um movimento contra a violência feminina na cidade de Cachoeira, a escritora criou coragem, abriu a gaveta e nos presenteou com seus contos em forma de luta contra a subjugação patriarcal. Segunda Andressa, editora da Cartoneiras de Iaiá, editora também

localizada em Cachoeira, ao relatar no prefácio da obra *Entre o rio e a praça* (2018) nos diz:

Organizaram-se, então na cidade Cachoeira, um protesto contra a violência sobre a mulher. Às vésperas *Tianalva*, escreveu para o evento um relato das mais absurdas agressões sofridas por mulheres já presenciadas por ela. Era, portanto, um dia difícil, pulsando nas lembranças doloridas. Ela passou seu caderno para as minhas mãos e li o texto silenciosamente. Foi quando, além dos motes críticos e espirituosas publicados por ela nas redes sociais, pude flagrar sua crônica, seu dom de transportar realidade para as palavras, transportar-nos para a realidade sem desvios. Realidades com tantos embaraços para o olhar (e o decifrar): a farsa, as ilusões e os seus desenganos, o abandono, a morte (e certa graça que reside na morte), os tabus os quais se submetem nossa linguagem e modo de ver. (SILVA, 2018, p.11)

A partir desse dia, as vozes dessas mulheres por meio de narrativas. ficcionais, confessionais e cotidianas de Silva se materializaram em obras literárias, tomando a cidade de Cachoeira e percorrendo diversos lugares, em uma espécie de sororidade narrativa, em que diversas vozes femininas nos contam os seus dissabores, atravessando-nos e convidando todas nós a resistir e lutar por respeito e equidade social.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a literatura de autoria feminina é caracterizada para além da ruptura de estereótipos ou um posicionamento feminino. Ela é a arte sensível e forte com uma língua afiada na luta, na denúncia contra a violência de corpos femininos, questões e desigualdades sociais, observando diversos corpos em gêneros e etnias. Ocupando muitos lugares, rompendo fronteiras, resistindo.

## DA MARGEM À LITERATURA CENTRO EMERGENTE

Assim como a escritura de autoria feminina que se originou como forma de luta em oposição a uma sociedade patriarcal, a escrita considerada marginal passa por desafios e ainda busca o seu lugar no mercado literário brasileiro, reconhecimento e ampliação nos cenários literários.

A escrita literária que até então servia apenas a uma classe dominante e letrada atuando como instrumento de identificação e afirmação nacional, contrapondo a literatura produzida por outros grupos sociais não permitindo que outras vozes ecoem na escrita literária. Por meio de poder e legitimação, os autores considerados cânones buscavam caminhos por meio de debates e teorias, tentavam especificar o literário, descaracterizado e minorando as demais produções como forma de manter a sua supremacia.

Vale salientar que os grupos marginalizados não insinuam qualquer restrição do tipo de quem pode falar sobre quem, mas indicam a necessidade de democratização no processo de produção literária. (DELCASTAGNÈ, 2012, p.46). Como seres sociais, as pessoas, assim como Carolina de Jesus e Tianalva, que advêm da periferia têm o direito à escrita literária, mesmo que o preconceito até de pessoas próximas levem a escritora a duvidar de sua capacidade até por conta de sua posição social. (SILVA, 2018, p.12)

Por ser mulher periférica a arte da escrita literária perpassa por um julgamento discriminatório que se torna normal e baixo como uma cusparada na face, um ato desrespeitoso que cutuca feridas sim, mas que dizem muito mais sobre quem a pratica do que sobre quem sofre... (SILVA, 2018, p.13). Tal atitude segregatória impõe o que é literário ou não, quem pode escrever ou não, ocasiona uma tensão e segregação, em que somente os letrados

têm esse direito. No entanto, a arte da escrita literária é democrática para todos.

É na escrita popular que a cultura brasileira aflora, descortinando as nuances de um povo sem estereótipos ou moldes forjados para atender a uma camada social ou ao comércio editorial. A narrativa que até então é considerada como marginal, tem alcançado outros espaços, rompendo barreiras, ampliando e diversificando os leitores.

Pela proporção que tem tomado algumas obras consideradas marginais por terem sua origem nas periferias, favelas e escritas pelo povo, acredito enquanto pesquisadora que não cabe o termo supracitado para obras que têm acesso em diversos espaços: feiras literárias, blogs, redes sociais, universidades, uma vez essa produção literária surge na margem, mas emergem em diversos centros de poder, inclusive ao está presente na internet, essas obras estão no mundo. Por isso, caracterizo-as como literatura centro emergente.

A literatura centro emergente aproxima e gera sentimento de pertencimento em quem lê, uma vez que muitas dessas histórias se assemelham a história de vida do leitor. O perfil de leitor dessa literatura está desde os jovens até as pessoas conectadas com as causas culturais e temas ligados a realidade social.

Sendo assim, ao classificar a obra de Tiana Lva como centro emergente, reloco as obras de um lugar que está apenas na periferia para o lugar que de fato ela deve estar. Sem fronteiras, atravessando leitores em diversos suportes e locais do mundo.

## **A DISTOPIA NAS OBRAS DE TIANALVA SILVA**

A escrita de Silva de forma cirúrgica também atua como função de denúncia e de conscientização social. Por isso, podemos remeter a categoria literária distópica, vertente que apresenta uma conjuntura social futurista, com viés decadente da realidade proposta, a fim de justamente expor questões humanas e sociais preocupantes.

Por isso, por meio deste estudo que se encontra em curso, busco analisar e compreender a distopia reais nas obras ficcionais de Tialva, discutir a forma em que a mulher apresenta a realidade, os seus olhares e o modo de como elas concebem novas formas de revelar o outro, que se apresenta excluído e silenciado pela sociedade.

Pensando nas distopias como uma forte expressão da sociedade do presente, a importância do olhar feminino sobre esses sujeitos à margem social permite destacar com maior sensibilidade e riquezas de detalhes sobre quem são esses desvalidos, como se comportam, qual o seu papel e o que eles anseiam.

Os seres apresentados por Tialva são pessoas que, segundo Fromm (2009), “expressam o sentimento de impotência e desesperança do homem moderno assim como as utopias antigas expressavam o sentimento de autoconfiança e esperança do homem pós-medieval” (FROMM, 2009. p. 269).

Ao utilizar a distopia em sua narrativa, a escritora não apresenta apenas uma visão futurista ou ficção, mas possível uma previsão a qual é preciso combater no presente. Ela busca fazer soar o alarme que consiste em avisar que se as forças opressoras



que compõem o presente continuarem vencendo, nosso futuro se direcionará à catástrofe e barbárie.

Esses diversos corpos apresentados nas narrativas de Tianalva são desterritorizados de si e de seu lugar, vítimas de um poder patriarcal coronelista, totalitário, que tenta subjugar o outro, mas os personagens sempre buscam o seu lugar e o seu jeito de felicidade. Essa forma de denúncia social de acordo com Cândido (2000, p. 5), nada mais eficaz para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la, a narrativa distópica procura potencializar, num futuro próximo, as forças do presente que estão vencendo.

Nesse processo de crítica a sociedade moderna a literatura distópica, a cidade histórica de Cachoeira, situada no Recôncavo baiano, é o cenário carregado de crenças, cheiros, cores sons e sabores onde os personagens e o meio social se relacionam. O totalitarismo é regido por uma classe social que subjuga o ser, e por meio da dominação cordial impede uma revolta desses seres distópicos.

Nas narrativas de Tianalva as obras tratam de questões sociais mais específicas, não deixando de serem temas universais, assim como era na distopia clássica, suas obras são importantes para refletir sociedade e auxiliar na construção da sociedade atual.

Diante do exposto, as narrativas das obras em estudo: *Migrantes* (2019) e *Entre o Rio e a praça* (2018) partem de uma construção consciente, pensando no enredo em que os personagens estão inseridos e como se dará sua personalidade e todo o seu desenvolvimento, o olhar feminino e as vozes que Tianalva traz em suas histórias são imprescindíveis para uma construção de uma narrativa rica e necessária para a literatura e a sociedade atual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com avanço dos estudos e das pesquisas sobre os temas aqui abordados, espera-se documentar como a cultura do Recôncavo Baiano interferiu na vida dos personagens descritos por Tia Nalva em um cenário distópico, aprofundar os estudos sobre a distopia na literatura centro emergente de autoria feminina, analisar a literatura feminina partido em narrativas que não fala apenas de si, mas do outro e de questões sociais bem como, psicológicas.

Com o estudo em conclusão, acredita-se que o material produzido por meio da Crítica Cultural com o auxílio das seguintes campos científicos: literário, sociológico e filosófico servirá como ferramenta para o entendimento desse processo de exclusão e silenciamento dos povos periféricos e subjugados do Recôncavo Baiano, que poderá servir como ferramenta para o entendimento da distopia para além de um campo imaginário, refletir sobre a realidade e traçar estratégias para um possível futuro “utópico”.

Espera-se também com esta pesquisa, analisar o olhar e a narrativa de autoria feminina sobre outras pessoas e situação, buscando identificar a sensibilidade e o olhar feminino que é tão peculiar na literatura escrita por mulheres.

Sendo assim, com a presente proposta, almeja-se um resultado que traga contribuições para as diversas áreas do conhecimento e sirva como ferramenta de entendimento, discussões sobre a distopia por meio do estudo e pesquisa da literatura centro emergente feminina.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: Literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma narrativa única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: *Dialética da colonização*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CHAUÍ, Marilena. Breve consideração sobre a utopia e a distopia. In: *Filosofia e Cultura: Festschrift em homenagem a Scarlett Marton*. São Paulo: Barcarolla, 2012.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa desconhecida*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

CUNHA, Helens et alii. *Desafiando o Cânone (2): ecos de vozes femininas na literatura brasileira do século XIX*. Rio de Janeiro, 2001.

DALCASTAGNÈ, Regina. Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea. In: *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. Vinhedo: Horizonte, 2008.

DELCASTAGNÈ, Regina, LEAL, Virgíne Maria Vasconcelos (orgs.). *Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2015.

DELCASTAGNÈ, Regina, LICARÃO, Bertoni, NAKAGOME, Patrícia (orgs.). *Literatura e resistência*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2018.

DELCASTAGNÈ, Regina, TENNINA, Lucía (orgs.). *Literatura e periferias*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2019.

DELCASTAGNÈ, Regina, TOMAZ, Paulo C. (orgs.). *Pelas margens: representação na narrativa brasileira contemporânea*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2011.

DELCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

FOUCAULT, Michel. Prefácio (Anti-Édipo). In: *Repensar a política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FRACCARO, Glaucia. *Os direitos das mulheres: feminismo e trabalho no Brasil (1971/1937)*. Rio de Janeiro: FVG Editora, 2018.

- FROMM, Erich. Posfácio (1961). In: 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GONZALES, Lélia. *Por um feminismo Afrolatino americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.
- HOOKS, Bell. *Teoria Feminista: da Margem ao Centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.  
<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03art06.pdf>.
- JOBIM, José Luis (org). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.
- LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.
- NEVES, José Luis. *Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades*. São Paulo: FEA-USP, 2006.
- RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Trad. Romulo Monte Alto. Belo horizonte: Editora UFMG, 2002.
- ROSSINI, Tayza Cristina Nogueira. *A construção do feminino na literatura: representando a diferença*. *Brasiliana*, v. 3, n. 1, p. 288–312, 2014.
- SILVA, Tianalva. *Entre o rio e a praça*. Cachoeira, BA: Cartoneiras de Iaiá, 2018.
- SILVA, Tianalva. *Migrantes*. Cachoeira, BA: Cartoneiras de Iaiá, 2019
- ZOLIN, Lúcia O. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. *Ipotesi, Juiz de Fora*. v. 13, n. 2, p. 105 -116, jul – dez 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19188>. Acesso em: 23 abr. 2021.